

atenção o aumento significativo de SCON, que representava 5% e agora 33%, mesmo com a exclusão dos isolados considerados contaminação ou colonização. Destacamos ainda o aumento de *S. marcescens*, que passou de 0,8% para 13,7%, e *P. mirabilis*, que saiu de 0,8% para 2,9%. Em relação a sensibilidade aos antimicrobianos, *K. pneumoniae* possuía 61% à Carbapenêmicos, 95% à Amicacina e 39% à Piperacilina/Tazobactam (PTZ) em 2019. Em 2022, no entanto, houve 49% à Carbapenêmicos, 58% à Amicacina e 22% à PTZ. Sobre a *P. aeruginosa*, a sensibilidade em 2019 para Meropenem foi 80%, 85% à Amicacina, 60% à Cefalosporinas e 79% PTZ. Em 2022, 62% à Carbapenêmicos, 62% Amicacina, 37% Cefalosporinas, 35% PTZ. A sensibilidade à Oxacilina caiu de 64% para 35% no período. Em contrapartida, *A. baumannii* mostrou uma melhora da sensibilidade aos antibióticos testados. Em 2022, as carbapenemases mais frequentes foram blaVIM em *P. aeruginosa*, blaOXA-23 e blaOXA-51 em *A. baumannii* e blaKPC e blaNDM em Enterobacterales. Nesse período de 2 anos houve uma alteração significativa dos patógenos e seu perfil de sensibilidade aos antimicrobianos, o aumento significativo de SCON e a identificação das carbapenemases, sobretudo as metalo-betalactamases, implicaram na necessidade de associar cobertura para gram-positivos na terapia empírica inicial, sendo necessário outros ajustes como a padronização de novas drogas como ceftazidime/avibactam e aztreonam.

Palavras-chave: Infecção de corrente sanguínea, Resistência bacteriana, UTI

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103390>

INFECÇÕES HOSPITALARES EM UM INSTITUTO DE INFECTOLOGIA DE SÃO PAULO NO PERÍODO ANTERIOR E DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 – BRASIL

Sayonara Scota*, Aline Aparecida Carneiro de Souza, Regia Damos Fontenele Feijo, Yu Ching Lian, Raquel Keiko de Luca Ito, Aline Santos Ibanes, Caroline Thomaz Panico, Nilton José Fernandes Cavalcante

Instituto de Infectologia Emilio Ribas (IIER), São Paulo, SP, Brasil

Introdução/Objetivo: As Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS) consistem em eventos adversos ainda persistentes nos serviços de saúde. Paciente com imunossupressão e tempo de internação prolongada é uma população de maior risco para aquisição de IRAS. O objetivo foi verificar as IRAS mais prevalentes comparando os períodos anterior e durante a pandemia de COVID-19.

Método: Estudo retrospectivo realizado entre 2017 e 2022, em um Hospital referência em Infectologia do Estado de São Paulo. Os critérios para o diagnóstico das infecções hospitalares foram baseados nas recomendações da Agência Nacional de Vigilância Sanitária e do Centers For Disease Control and Prevention. As IRAS avaliadas foram: Infecção Primária de Corrente Sanguínea Laboratorial (IPCSL), pneumonia, infecção relacionada ao acesso vascular central (CVS) e Infecção do Trato Urinário (ITU).

Resultados: Do total de 2277 IRAS no período, 737 ocorreram entre 2017 e 2019 e 1540 IRAS entre 2020 a 2022. Dessas 59,72% (1390) ocorreram em Unidade de Terapia Intensiva (UTI), 37,72% (859) em Unidades de Clínica Médica e 2,57% (58) em outros setores. Na UTI foram 31,32% (426) IPCSL sendo 102 (24%) pré COVID-19 e 324 (76%) na pandemia; 14,55% (198) foram CVS, destes 45 (23%) ocorreram anteriormente à pandemia e 153 (77%) na pandemia; 33% (446) pneumonia (116 – 26% anterior a pandemia e 330 – 74% na pandemia), 3,3% (45) ITU, sendo 11% pré-pandemia e 89% durante a pandemia. E na Unidade de Clínica Médica observou-se 29% (248) de IPCSL, sendo 44% pré-pandemia e 56% durante a pandemia; 15,5% (133) de CVS, com 48% no primeiro triênio e 52% nos últimos três anos; 29,5% (254) de pneumonias, destas 53% entre 2017 e 2019 e 47% durante a pandemia; 8% (68) de ITU (45,5% pré-pandemia e 54,5% na pandemia).

Conclusão: As IRAS mais prevalentes na Unidade de Terapia Intensiva foram a Pneumonia e a IPCSL, com incremento em ambas no período da pandemia. Na Unidade de Clínica Médica não ocorreu mudança significativa no perfil das infecções no decorrer dos anos. Isto pode ser atribuído a reestruturação de leitos na pandemia, com priorização de atendimento de pacientes mais graves.

Palavras-chave: IRAS, HIV, COVID-19

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103391>

INFECÇÕES RELACIONADAS À ASSISTÊNCIA À SAÚDE (IRAS): PREVALÊNCIA DE COINFEÇÕES ENTRE CANDIDA SP. E ESPÉCIES BACTERIANAS EM PACIENTES DE UM HOSPITAL NO AGRESTE PERNAMBUCANO

Sibele Ribeiro de Oliveira*, Ana Beatrys Andrade do Nascimento Pereira, Adriann Felipe Alves Pontes

Associação Caruaruense de Ensino Superior (Asces-Unita), Caruaru, PE, Brasil

Introdução: As Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde são caracterizadas por infecções adquiridas devido a fatores associados ao ambiente hospitalar. Entre os múltiplos fatores relacionados ao desenvolvimento de IRAS, estão: utilização prolongada de aparelhos invasivos, comorbidades, imunidade suprimida e uso indiscriminado de antimicrobiano. A partir dessa ótica, hospitais de todo o mundo têm relatado uma frequência cada vez maior de coinfeções entre fungos do gênero *Candida* e espécies bacterianas.

Objetivo: Este trabalho objetivou averiguar a prevalência de coinfeções por *Candida spp.* e espécies bacterianas entre os anos de 2020 e 2022, destacando os sítios de isolamento dos microrganismos envolvidos. Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Associação Caruaruense de Ensino Superior sob o número 5.691.618.

Métodos: Trata-se de um estudo transversal retrospectivo, que abrangeu pacientes diagnosticados com *Candida spp.* e espécies bacterianas no hospital em estudo. Os laudos selecionados foram coletados do laboratório de microbiologia, buscando aqueles que evidenciaram ambos os microrganismos como agentes etiológicos.